

## **Évènement: O Herói Trágico (Imortal) Sob o Viés do Materialismo Lacaniano**

### **Évènement: The Tragic Hero (Immortal) Under Lacanian Materialism Bias**

Míriam Zafalon<sup>1</sup>

Marisa Corrêa Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** A partir dos estudos sobre o Materialismo Lacaniano e das investigações sobre os fatores que amparam o pensamento contemporâneo, Alain Badiou (1994) argumenta que o fracasso dos discursos que regem a sociedade é fruto de uma ideologia ética equivocada. A preservação dos direitos do homem e o respeito à diversidade estão entre os imperativos que naturalizam a ideologia dominante como sustentáculo da massificação humana. Para suplantar os valores de uma generalização que conduz ao jugo e à omissão, o filósofo apresenta a “ética das verdades”, na qual o sujeito prescinde da postura universal de vitimização, potencializando-se em sua subjetividade. Desta forma, coloca-se em primeiro plano o reconhecimento do Mesmo, a capacidade de buscar um processo de verdade. Distanciando-se do comportamento passivo e da unanimidade, surge o sujeito imortal, o qual resiste à conduta de “animal-para-a-morte”, fidelizando-se a um Evento, ocorrência que transformará muitas vidas e levará à plenitude. A personagem Prometeu eleva-se à categoria de imortal no momento em que presenteia a raça humana com a liberdade, por meio da dádiva do fogo. Este Evento é um chamado ao qual Prometeu atende e pelo qual ele abre mão das regalias do mundo dos deuses, ultrapassando os limites de uma existência típica para construir o caráter da transcendência, a imortalidade. Em detrimento dos castigos torturadores que passa sofrer, Prometeu mantém-se fiel à ruptura que instaura, encarnando um autêntico guerreiro contra o despótico poderio olímpico.

**Palavras-chave:** Evento. Sujeito Imortal. Materialismo Lacaniano.

**ABSTRACT:** Alain Badiou (1994) argues that the failure of the discourses that govern the society is the result of a misplaced ethics. The preservation of human rights and respect for diversity are among the imperatives that naturalize the dominant ideology as a mainstay of the status quo. To supplant the values of a generalization that leads to the subjection and omission, the philosopher presents the "ethics of truths", in which the subject dispenses with the attitude of victimization, increasing in its subjectivity. In this way, it's put in the forefront the recognition of the Same and the ability to pursue a truth process. Moving away from the passive behavior and unanimity, comes the immortal subject, which resists to the conduct of "animal-to-death", becoming faithful to an Event, occurrence that will transform many lives and will lead to single completeness as possible. In Greek myth, Prometheus rises to the rank of immortal at the time that gives us the human race with the freedom, through the gift of fire. This event is the appointment to which Prometheus listens and by which he gives up the

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: mzafalon@bol.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-doutora pela Rutgers - The State University of New Jersey. E-mail: nuriah10@hotmail.com

advantages of the gods world, overcoming the limits of a typical lifetime to build the character of transcendence, the immortality. Despite the punishment that is suffering, Prometheus remains faithful to the disruption that it introduces, personifying an authentic warrior against the high-handed Olympic power.

**Keywords:** Event. Immortal Subject. Lacanian Materialism.

## INTRODUÇÃO

O conceito de imortalidade apresentado por Alain Badiou (1995) é elemento basilar para a compreensão da singularidade humana, ocorrência esta que pode ser observada quando se transpõe os limites do que é considerado “normal” ou regido pela ideologia vigente, atingindo uma condição especial, distanciando-se das generalizações. Segundo o filósofo francês, o sujeito torna-se imortal quando exercita, por meio de suas ações e obras, a potencialização de sua subjetividade, estimulado por um acontecimento pontual, ao que chama de Evento (*évènement*).

Por meio do impacto provocado por um *évènement*, o indivíduo é capaz de reformular toda a sua existência, afastando-se de um comportamento de subalternidade às regras sociais postas, e investindo em uma ação que o distinguirá eternamente. Ao observar a aventura de Prometeu, é possível perceber na personagem a firmeza e coerência de suas atitudes, no momento em que deixa de obedecer ao poder que o rege (Júpiter) em prol da manutenção da vida dos seres humanos; o Evento, representado pela entrega do fogo aos humanos mostra, com clareza, que o correto a fazer pode gerar imensa dor e sofrimento. Tal circunstância ocorre com Prometeu, elevando-o à posição de sujeito autêntico o qual, não opta, mas sim, atende ao chamado para legitimar um ato de transformação que trará benefício a outrem, sem temer as adversidades a que será acometido.

Prometeu enfrenta o poder autoritário, demonstrando um ponto de vista renovador que revela um processo de verdade, ou seja, esse movimento que perpetua o Evento, rompendo com os significados estabelecidos. Prometeu re-significa as relações entre divindades e homens, defende seus princípios em relação à raça humana e sofre as consequências de sua coragem, quase suicida.

Todo o infortúnio sofrido por Prometeu pode ser averiguado como uma manifestação que, apesar de não ser prevista, é aceita, evidenciando o total desligamento do *status* presente, partindo para uma nova maneira de conduzir os fatos. Tendo como ponto de partida esta

possibilidade de exame, estabelecer-se-á nas linhas seguintes uma mediação entre a obra de Ésquilo e a filosofia lacaniana, por meio do ponto de vista de Alain Badiou, verificando como o Evento se instala na trajetória do herói mítico.

## O GÊNERO TRAGÉDIA

É basilar para os intentos ora propostos apresentar algumas ideias a respeito do gênero trágico. A tragédia é ligada a raízes religiosas que remontam à tradição grega; a religião oficial dos gregos era vinculada a regras feudais, mas também apresentava cultos que remetiam ao poder da natureza. As tragédias gregas refletiam (e refletem) sobre a vida humana, atingindo todos os aspectos políticos, sociais e culturais que envolviam os indivíduos. Inclusive, atribui-se a Ésquilo a primeira tragédia grega preservada pelos gregos: *Os Persas* foi o texto que proclamou a vitória dos gregos contra o povo persa, enaltecendo o poder crescente de Atenas. Nesta tragédia, Ésquilo enaltece a democracia grega, contrapondo-a ao absolutismo. Com o declínio da soberania ateniense, houve também a decadência da tragédia no mundo grego.

A tragédia grega trouxe, em especial, uma voz contra os vilões políticos que comandavam com mão de ferro, assumindo papel importante para a vida civil grega. Romilly (1999, p. 17) esclarece a mediação construída pela tragédia: “Através de um traço assaz notável, o nascimento da tragédia está associado, em quase todo lado, à existência da tirania – isto é, de um regime forte que se apoiava no povo contra a aristocracia”. Assim como a epopeia, a tragédia privilegia os mitos, fortalecendo-se neles para revitalizar os assuntos em voga no mundo grego. Segundo Costa e Remédios (1988, p. 8): “O universo trágico pode ser concebido como uma crise cujo ponto central é a ambiguidade. Isso porque a tragédia é o resultado de um mundo que se apresenta como o choque entre forças opostas: o mítico e o racional”. Por meio dos mitos, a tragédia grega discutia os principais problemas da sociedade vigente, abordando seus vários âmbitos, como o filosófico, o ético e o religioso. As batalhas travadas entre o humano e o divino são ocorrências no interior da tragédia que apontam para a articulação entre a racionalidade humana e o mítico contido na configuração dos deuses.

Costa e Remédios (1988) reforçam a existência de uma particularidade essencial no gênero trágico: a construção de heróis que, apesar de parecerem autônomos e conduzidos por sua própria personalidade (*ethos*) e aspirações, constituem, verdadeiramente, instrumentos

impulsionados pela sequência de elementos componentes da religião grega: a *moira* representa o destino ao qual todos os seres se submetem; *dáimon* materializa o gênio mau que, forçosamente, guia as atitudes humanas. Conforme as autoras

Entende-se por herói trágico o que, consciente ou inconscientemente, transgride uma lei aceita pela comunidade e sancionada pelos deuses. Além disso, o herói trágico deve pertencer à aristocracia ou ser filho de um rei. Entretanto o que o torna trágico é sua atuação na desgraça, no caminho entre a falha trágica e a punição (COSTA; REMÉDIOS, 1988, p. 20).

Destarte, as ocorrências trágicas como o incesto, o parricídio, entre outras, são inevitáveis, uma vez que o herói não detém qualquer domínio a respeito de tais fatos. Além disso, para que haja a ocorrência do trágico, a presença da *hybris* é fundamental, pois é através dela que ocorre a desmedida, a transgressão ou excesso que produzirá a ira dos deuses e o castigo ao herói trágico. Não haveria o gênero tragédia se os poetas trágicos não buscassem inspiração em mitos que delineavam o conhecimento sagrado de seu povo, a sabedoria que se repassava entre as gerações e que não era passível de ser questionada, visto que, desde tempos imemoriais, determinava o comportamento e o modo de ser da sociedade grega.

Ésquilo é proclamado pela crítica como o precursor da tragédia grega, apresentando uma produção fecunda de cerca de noventa obras, embora só tenham chegado completas ao mundo contemporâneo sete tragédias desse conjunto. O autor idealiza a política grega, apresentando um ponto de vista parcial, ou seja, propositalmente, não focaliza a inteireza da situação que a Grécia vivia, em todos os níveis da sociedade. Seu objetivo era a produção de uma obra que educasse os cidadãos de sua época, reforçando que a *pólis* estava intimamente ligada ao espírito das pessoas, de forma a estimular o sentimento de um estado permanente de coesão.

As tragédias produzidas por Ésquilo têm em comum a massiva presença dos deuses, a imposição da justiça divina para organizar o mundo, maculado pelas forças da desordem e da violência desmedida. A fé no elemento divino condiciona as tragédias deste autor a promoverem a busca pela justiça, em meio às ocorrências funestas. No entanto, e destoando das características gerais de Ésquilo, a tragédia *Prometeu Acorrentado* é a única que não confirma o critério de justiça divina pregado nos outros textos, isso porque “[...] Prometeu é claramente apresentado como vítima de um Zeus soberano, que não pratica a justiça”

(ROMILLY, 1999, p. 58). Neste texto apresentam-se duas características importantes de Ésquilo: o protesto e a busca pelos elementos da ordem na aparente desorganização do mundo. Prometeu é arrogante, não é isento de culpa apesar de ser vítima de um flagelo extremamente cruel. Portanto a postura “injusta” de Júpiter<sup>3</sup> é justificável em face do comportamento do herói trágico. Por ser um deus recente, Júpiter representa a imaturidade, comprovando nos termos do autor que “[...] a justiça é fruto do tempo” (ROMILLY, 1999, p. 59). No limite, é possível inferir que Ésquilo mostra o lugar de cada um na hierarquia do poder, clarificando a autonomia do deus soberano em detrimento da fragilidade infligida aos que não obedecem às regras divinas: “Todos os trabalhos são desagradáveis, menos o de rei dos deuses, pois ninguém é livre senão Júpiter” (ÉSQUILO, 1980, p. 13). Vê-se, portanto, a face contestadora do autor, inquietando-se contra os desmandos da sociedade por meio de sua obra crítica.

A peça é iniciada com o sofrimento de Prometeu, pregado numa rocha por dois subalternos de Júpiter, o Poder e a Força. Vulcano também auxilia na prisão do condenado, embora não compactue com tal castigo, executando a contragosto as ordens que lhe foram atribuídas. A condenação duraria milhares de anos, até o dia em que o deus dos deuses julgasse finda a sentença. O coro das ninfas do oceano, chamado de Oceânidas, traz palavras de conforto a Prometeu enquanto ele é subjugado, indignando-se contra a atitude de Júpiter em relação a seu antigo colaborador. Outra personagem, Io, também presta solidariedade a Prometeu. Ela, por sua vez, transformada em vaca, é perseguida por Júpiter por não aceitar o amor do maior dos deuses.

Por intermédio do legado especial ao qual será para sempre associado, Prometeu representa o sujeito imortal ao qual Badiou se refere, o resultado de um processo de autoafirmação, fiel ao acontecimento que o conduz à noção de verdade.

## 2 A FIDELIDADE AO EVENTO: O IMORTAL PROMETEU

Sob o prisma filosófico de Alain Badiou, o abissal da subjetividade humana só é atingido quando, num momento epifânico, o sujeito rende-se ao sentido de verdade proposto por uma situação singular, a qual o convoca a ser fiel. Tal comportamento destoa

---

<sup>3</sup> Usaremos a nomenclatura “Júpiter”, em vez de “Zeus”, em função de ter sido escolhida uma tradução da obra, para a análise ora apresentada, que elege os nomes utilizados na mitologia romana.

completamente do senso de passividade que o homem contemporâneo tem demonstrado na maior parte de suas atitudes frente à realidade. Evadir-se da postura alienante e buscar ações que demonstrem escolhas autênticas é o fator sintomático que distingue a capacidade do homem para ser verdadeiro, alcançando o *status* de Imortal.

Quanto ao sentido das escolhas que o ser humano faz, Žižek (2010) explica que, por meio da linguagem, a qual representa a relação simbólica entre os sujeitos que a utilizam, vão sendo delineadas as “metaescolhas”, ou seja, o discurso transmite não apenas os conteúdos, mas sim, a maneira como se relaciona (ou como deve relacionar-se) com tais conteúdos; diante disso, evidencia-se a existência de uma manipulação que destitui cada escolha de seu sentido legítimo. Portanto, o movimento de rejeitar as falsas escolhas e partir para a difícil percepção do sentido de verdade representa o largo afastamento da neutralidade evidenciada pelo *habitus*, enveredando-se pela via tortuosa que provocará a verdadeira sensação de liberdade de escolha.

Por outro lado, faz-se necessário esclarecer que a potencialização do indivíduo no momento em que resiste definitivamente à passividade vai muito além de uma opção individual, referenciada e compreendida como a melhor atitude a ser tomada. Há um chamado fatal e invencível que coloca o sujeito, irremediavelmente, à disposição do fenômeno que o Evento pode causar. A partir deste acontecimento, a existência desvincula-se das contingências habituais e passa a sacrificar-se por um ideal, lançando o prisma da imortalidade:

O direito do Homem é primeiramente o direito à resistência humana. Ao fim, morremos todos nós e só resta o pó. Há entretanto, uma identidade de Homem como imortal, no instante em que ele afirma o que é, contra o querer-ser-um-animal ao qual a circunstância o expõe. Cada homem, isto é por demais sabido, é capaz de ser imortal; em grandes ou pequenas circunstâncias, por uma verdade importante ou secundária, isto pouco importa (BADIOU, 1994, p. 108).

O sentido de imortalidade trabalhado por Badiou luta contra a vitimização do ser humano, potencializando suas ações em detrimento ao tratamento homogêneo que gera a falsa ideia de igualdade entre os indivíduos. Para Badiou (1995), a ética contemporânea generaliza os direitos humanos, promovendo uma universalização que tolhe a real independência de comportamento, afastando o sujeito da possibilidade de emancipação. A única forma de haver o reconhecimento da sociedade com as diversidades que ela propõe é a introdução da “ética

das verdades” que, segundo o autor, possibilita a aparição do sujeito o qual singulariza-se em meio à banalização da realidade, podendo atingir a condição de “imortal” quando impulsiona o surgimento de um Evento.

A personagem Prometeu promove a ocorrência do Evento na ocasião em que, para defender os direitos dos mortais e assumindo uma postura de proteção aos seres perseguidos, é submetido à provação da tortura eterna como castigo por ter provocado a ira de Júpiter. Prometeu chega a questionar-se a respeito da gravidade do seu ato de ter roubado o fogo e tê-lo entregue aos seres humanos, não compreendendo porque uma ação nobre deveria ser castigada de maneira tão terrível. Ao mesmo tempo, experimenta a tortura sem ceder, sem baixar a cabeça e mantendo até a capacidade de profetizar.

O excesso do sofrimento ao qual Prometeu foi submetido apresenta uma circunstância evidentemente traumática, fato que, em tese, seria o enfrentamento do Real por parte da personagem. Segundo o pensamento laciano, Simbólico, Imaginário e Real são três significados que se entrelaçam, constituindo a unidade do mundo e da existência humana. Para esclarecer estas categorias, Žižek (2010) vale-se da comparação com a dinâmica do jogo de xadrez. Sendo assim, o âmbito Simbólico é representado pela movimentação de cada uma das peças do jogo, a função que cada uma delas executa. Quanto ao Imaginário, diz respeito aos elementos visuais e sonoros das peças, como cada uma delas é reconhecida, mesmo que não haja ligação ideológica com seus significados e significantes. Por último, a questão do Real corresponde a surpresas, ações inesperadas que poderiam ocorrer durante a partida de xadrez ou, até mesmo, encerrá-la de maneira abrupta. Pelo caráter surpreendente que possui, o Real não se faz capaz de ser simbolizado, ainda que seja possibilidade (remota) em meio à situação de jogo.

Conhecendo estas instâncias, pode-se inferir que na obra analisada ocorre a quebra da ordem Simbólica, forçando a assimilação pela personagem da situação fatídica que, apesar de dolorosa, não derruba o orgulho de Prometeu, o qual arca corajosamente com as consequências de seu ato de bondade para com os mortais. Portanto, Prometeu não experimenta a tortura como Real, pois caso o fizesse, ele ficaria destruído, incapaz de resistir a Júpiter e de analisar racionalmente os acontecimentos. O herói trágico possibilita à raça humana que seja mais forte diante dos deuses do Olimpo, dando a ela o poder sobre o fogo, ajudando-a a não ser extinta pelos desmandos dos seres divinos.

Percebe-se que o encontro entre Prometeu e sua verdadeira emancipação abala a estrutura existente, dissolvendo o vínculo social harmônico que a personagem mantinha com as divindades, gerando a perda da liberdade, angústia e demasiado sofrimento. A trajetória de *Prometeu Acorrentado* representa a negação da ordem Simbólica, provocando a fidelidade ao Evento e, na sequência, o pertencimento à imortalidade. Convocado a participar do projeto que vai libertar os homens pela dádiva do fogo, Prometeu, contra todo o sofrimento e humilhação, mantém a lealdade à causa maior. Ao fazê-lo, ele instaura uma nova ordem, que "atravessa" a ordem mundial anterior, na qual os homens eram apenas escravos dos deuses; o fogo permite que o homem cozinhe e crie ferramentas; crie uma civilização. Ao cabo, o homem desafiará os deuses, e Prometeu sabe disso. Para tanto, entrega-se à tortura enunciada por Mercúrio, sem temor pelo destino que virá:

Antes de mais nada, meu pai vai chicotear esse alto cume com seu trovão e o fogo do raio vai depois esmigalhar a pedra, e seu corpo vai desaparecer sepultado dentro da pedra. Muito tempo feito por muitos dias e noites vai-se passar até que você volte à luz. Mas daí o cão alado de Júpiter, o abutre sanguinário, vai devorar com voracidade grandes pedaços do seu corpo, sim, vai ser um conviva que, sem receber convite, virá todo dia fazer seu repasto e o dia inteiro vai mastigar a negra iguaria que é o seu fígado. Não pensa em ver acabar esse suplício antes que apareça um deus para suceder você nesses sofrimentos e concorde em descer até o tenebroso inferno, nas negras profundezas do Tártaro (ÉSQUILO, 1980, p. 47-49).

Poder-se-ia criticar a associação entre um ser mitológico (Prometeu) e a obediência a um destino cruel, imposto pela fidelidade ao Evento de defender o direito de manutenção da vida dos seres humanos, uma vez que se trata de uma personagem dotada de poderes sobrenaturais que, em tese, invalidariam a presença excessiva da circunstância de sofrimento. Por outro lado, Prometeu apresenta em sua configuração um caráter caracteristicamente humano, no sentido de transgredir as regras da hegemonia imposta, mostrando inconformidade com a provação que lhe é imposta.

Contrariamente a uma postura de humildade que poderia minimizar sua pena, enquanto é friamente castigado por seus algozes, Prometeu reafirma a motivação que o fez auxiliar os seres humanos, elenca todas as especificidades do reinado de Júpiter, as quais fazem do senhor do universo um monarca de autoridade contestável, ingrato aos seus fiéis servidores. O Coro reitera o pensamento de Prometeu a respeito do governo do novo mandatário da terra dos deuses: “É que novos pilotos dirigem o Olimpo e, seguindo novas

leis, Júpiter reina arbitrariamente e destrói hoje os gigantes de outrora” (ÉSQUILO, 1980, p. 17).

Embora Prometeu faça algumas lamúrias assim que é preso, inconformado com a pena que lhe foi imputada, deixa claro que, após a descoberta do verdadeiro caráter do ser mais poderoso do Olimpo, prefere a tortura à subserviência ao rei tirano. E como forma de vingança, prediz o futuro e a derrocada de Júpiter, vencido por seus próprios caprichos:

Eu afirmo que Júpiter, tão orgulhoso, se humilhará um dia, visto o casamento ao qual se apresta, casamento que o lançará para fora do poder e do trono, que o fará desaparecer do mundo. Então ele verá se cumprir inteiramente a maldição que seu pai, Saturno, atirou contra o filho no dia em que foi derrubado de seu antigo trono (ÉSQUILO, 1980, p. 43).

As visões que Prometeu apresenta para os tempos vindouros dizem respeito apenas aos insucessos de Júpiter. Ele deixa claro que jamais auxiliará o rei, o mesmo que ajudou a destronar Saturno, com suas previsões:

[...] esse senhor dos bem-aventurados está certo de que um dia ainda precisará de mim para descobrir em tempo os componentes de uma nova conspiração que lhe arrebataria o cetro e as honras. Não vou permitir que me toquem os discursos doces da persuasão. As ameaças, por mais duras que sejam, não me farão tremer. Não revelarei meu segredo enquanto não estiver livre destas algemas bárbaras e não for reparado meu ultraje (ÉSQUILO, 1980, p. 18).

Apesar da prepotência e de suas atitudes serem consideradas, pelo Coro e por Mercúrio, como falta de sapiência, aconselhado por Oceano a ser humilde para não aumentar o ódio de seu carrasco, Prometeu insiste em suas previsões, aceitando sua condição de prisioneiro, a cada dia mais fustigado pelo tirano. A certeza da imortalidade dá coragem para que o herói enfrente suas agruras, convencendo-o sobre a vitória do oprimido contra o opressor. Não se conforma com a ação divina, sente-se ultrajado com o tratamento perverso que recebe, mas enfrenta tal atrocidade, reconhecendo nela os principais defeitos de Júpiter: a total falta de perícia para o comando, a inabilidade e incompetência que farão o monarca cair no momento certo. Sobretudo, Prometeu evoca a necessidade de luta em prol de um bem comum, por meio do enfrentamento com uma situação incrível, a qual não pode resistir sem atuar altivamente.

Por ter auxiliado os homens a viverem melhor, Prometeu julga-se digno de homenagens e não de represálias. Ele busca, inclusive, a notoriedade por conta de sua ação de bondade para com os mortais: “Em uma palavra saberás de tudo: todas as artes dos mortais vêm de Prometeu” (ÉSQUILO, 1980, p. 28). O herói apresenta um perfil orgulhoso, certo de suas convicções apesar das consequências avassaladoras que sofre. A autonomia de pensamento permanece intacta diante do episódio de sua prisão e crueldade dos castigos. Para que haja uma ruptura no ciclo vigente e uma nova mentalidade comece a ser estabelecida, deve haver uma ação singular, com feições emancipatórias. Ninguém, exceto Prometeu, teve a coragem de desafiar a estabilidade divina em prol de ideias próprias que causassem inquietação. É também importante destacar que o “sacrifício” de Prometeu é apenas uma etapa anterior à sua vitória, isso porque, ainda que esteja sendo massacrado por Júpiter, o herói tem em mente a vingança da qual é o protagonista, clarificando que o sacrifício se estabelece numa relação de troca; no caso, não será a raça humana que dará de volta a liberdade a Prometeu, mas os acontecimentos futuros que excluirão Júpiter do poder e resgatarão o condenado de seu cárcere.

Pode-se pensar que o reinado de Júpiter é uma forma de ideologia dominante e que a desobediência de Prometeu a esta circunstância foi o motivo que provocou o desencadear dos castigos que a personagem sofre. Para Žižek (2003), libertar-se dos moldes tradicionalmente traçados pela ideologia e pelo poder do mandatário significa lutar por um dogma, por uma causa apaixonante, ainda que traga consequências arrasadoras. No caso de Prometeu, os resultados trágicos que lhe foram atribuídos provêm de seu ato de insubmissão à ordem posta e que, mesmo com seu poder de predição, não afetou sua escolha de presentear os mortais, contra a vontade de Júpiter. Pode-se afirmar que o herói desta tragédia sentiu-se seduzido por arcar com o peso de sua pena a continuar obscuro, servindo ao senhor do universo como todos os outros. Por conseguinte, a “teimosia” de Prometeu e a prepotência que o penalizou podem simbolizar sua passagem para o reconhecimento de seu valor; a tortura física e moral constrói a autonomia do estar vivo, dando a ideia de pertencimento ao mundo ao redor e de independência em relação ao comando dominante.

Quando Žižek (2012, p. 22) diz “Em outras palavras, quem ousa fazer greve hoje em dia, quando ter trabalho fixo já começa a ser um privilégio?”, alerta para a condição de submissão do homem contemporâneo, a preocupação em manter o “mais-salário”, permanecendo naturalizado à ordem Simbólica. Trata-se de um esforço imenso para que o

conformismo com a circunstância não seja desfeito, e para que se possa fugir o máximo possível do que pode trazer um radicalismo obrigatório, uma mudança de postura que afasta o ser humano de sua zona de conforto. Guardado o devido distanciamento histórico, e confrontadas as diferenças entre o mundo atual e o universo que contextualiza os textos trágicos, é possível inferir que os valores de Prometeu discordam das regras impostas pelo mundo olímpico, e a obediência arbitrária acaba gerando uma desobediência racional. O conforto oferecido pela submissão acaba por se tornar uma contradição para os parâmetros de justiça estabelecidos pelo herói, e ele resolve enfrentar seu destino atroz, abrindo mão dos privilégios de servir a Júpiter, desmantelando a total lealdade ao deus maior. Sendo assim, Prometeu assume o risco por suas atitudes, perde as regalias de uma existência estável, mantendo-se fiel ao destino que o Evento oferece sofrendo os efeitos colaterais de sua autenticidade de pensamento.

## CONCLUSÃO

Referenciar a tragédia grega de Édipo significa atualizar mitos que espelham as inquietações da existência humana, refletindo sobre as relações sociais incrustadas nas sociedades de todos os tempos. A partir da crítica psicanalítica, especificamente do materialismo lacaniano, é possível valer-se de um viés diferenciado para a análise do texto literário, conforme pondera o pensamento de Marcelle Marini: “Veremos que a história da teoria psicanalítica não pode ser dissociada desses encontros ou dessas longas relações com mitos, contos ou obras literárias” (MARINI, 1997, p. 45).

Embora ainda cause certo estranhamento a aplicação de uma ciência psicanalítica ao campo das produções literárias, essa utilização tem se tornado, paulatinamente, uma opção consistente para a compreensão de obras de gêneros variados. Assim sendo, uma vez que os estudos psicanalíticos têm como uma de suas fontes a linguagem, a fala, o discurso é possível clarificar concepções que enredam o texto literário por meio de métodos psicanalíticos.

No que diz respeito à tragédia grega, com certo cuidado para não descaracterizar todo o conjunto de circunstâncias que envolvem personagens e ações do universo trágico, concebe-se a possibilidade de estabelecer um projeto de leitura que privilegia aspectos da psique

humana, declinados através da linguagem. Constitui-se, portanto, um método crítico e criativo de análise literária a experiência com o materialismo lacaniano, interpretando as normas de procedimento da personagem Prometeu.

Apropriando-nos do projeto filosófico de Alain Badiou, que relê o trabalho de Lacan, buscamos inserir a personagem Prometeu na categoria de sujeito imortal. Para chegar a tal posição, a personagem trágica manteve aproximação com um acontecimento extremamente importante o qual configurou-se no seu afastamento do campo da ideologia em vigor. A prisão de Prometeu, apesar de privá-lo da liberdade física, liberta-o da submissão ao padrão ideológico posto pelo poder olímpico. Sua altivez demonstra equilíbrio diante do destino, não há conformismo perante o sofrimento, mas sim, a competência para gerir suas dores: “Saiba bem que eu não trocava minha infelicidade contra sua escravidão. Estou melhor servido neste rochedo do que sendo o fiel mensageiro de Júpiter” (ÉSQUILO, 1980, p. 45).

Partindo-se da leitura do materialismo lacaniano feita por Badiou e também por Žižek não é leviano depreender uma veia de interpretação do texto trágico que o aproxima sobremaneira do que se espera como atitude das formas de pensamento contemporâneas. O contato com a verdade, provocado pelo Evento da doação do fogo aos seres humanos, cria uma abertura para se ver o objeto primordial, tornando o herói “[...] o suporte de uma fidelidade. Logo o suporte de um processo de verdade” (BADIOU, 1994, p. 110). A verdade que se apresenta a Prometeu aparece para quebrar o sistema simbólico, despertando-o para um viver legítimo, desnaturalizando a forma servil de interação no contexto sociolinguístico do mundo dos deuses.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. *Para uma nova teoria do sujeito*. Trad. Emerson Xavier da Silva. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

COSTA, LÍGIA Militz da Costa; REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *A tragédia – Estrutura & história*. São Paulo: Ática, 1988. (Fundamentos)

ÉSQUILO. Prometeu Acorrentado. In: ÉSQUILO; SÓFOCLES; EURÍPEDES. *Prometeu acorrentado. Édipo rei. Medeia*. Trad. Alberto Guzik, Geir Campos, Miroel Silveira, Junia Silveira Gonçalves. São Paulo: Abril Cultural, 1980. P. 11-49.

MARINI, Marcelle. A crítica psicanalítica. In: BERGEZ, Daniel, et al. *Métodos críticos para a análise literária*. Trad. Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Leitura e Crítica)

ROMILLY, Jacqueline. *A tragédia grega*. Trad. Leonor Santa Bárbara. Lisboa: Edições 70, 1999.

ŽIŽEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do Real!*: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Como ler Lacan*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. *O amor impiedoso* (ou: Sobre a crença). Trad. Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

Data do Recebimento: 30/09/2014

Data da aprovação: 24/11/2014